

ZONA NORTE

QUINTA-FEIRA, 20 DE JULHO DE 2000 — Nº 916

CONSULTE O
GUIA DE COMPRAS
NESTA EDIÇÃO

Jongo resiste na Serrinha

Grupo vira ONG e morro vai ter centro cultural até o ano que vem • 16 a 18

Fábio Seiko



culturas populares

Do Superior Tribunal de Justiça, que garantiu a realização do leilão dos hotéis do engenheiro e ex-deputado Sérgio Naya.

BOLA DENTRO

Da polícia, que não conseguiu evitar mais um assalto a edifícios da Zona Sul. Os ladrões usam sempre o mesmo método.

BOLA FORA

DIVULGAÇÃO

UM PATRIMÔNIO DO RIO E DO BRASIL



Foi dado o primeiro passo para o Jongo, dança de roda trazida de Angola por escravos, virar patrimônio nacional. Jongueiros da Serrinha e da Fazenda São José, em Valença, entregaram esta semana ao IPHAN o pedido de tombamento e um inventário sobre a dança, uma das origens do samba. Hoje ainda há comunidades jongueiras em Angra, Barra do Pirai, Miracema, Pinheiral e Santo Antônio de Pádua.

Fone (21) 3351-7968

MANIA de Luíza Mendes

R. Dr. Sourimmo, 668-CA2

21-360-310 - Madureira - RJ

D indica

DIVULGAÇÃO/WILLIAM NERY



OS INTEGRANTES do Jongo da Serrinha encerram hoje temporada de dois meses no Teatro Carlos Gomes

Jongo faz festa de despedida

O jongo terminou em samba. Quem gosta de um batuque e tem curiosidade de saber de onde o samba, ritmo característico do Rio de Janeiro, nasceu, é bom correr. Termina hoje a temporada que o Jongo da Serrinha vem fazendo nos últimos dois meses no Teatro João Caetano. Criado na época do Brasil Colônia pelos negros angolanos que eram trazidos como escravos para as fa-

zendas de café do Vale do Paraíba, o jongo é uma dança que originou o samba. A intenção do Grupo Cultural Jongo da Serrinha é tomar o ritmo tão conhecidos dos nascidos no Rio de Janeiro como é o maracatu pelos pernambucanos, por exemplo.

Dança profana, de roda, o jongo era uma das poucas diversões permitidas pelos senhores aos escravos — exatamente por não ter nenhuma ligação com re-

ligação. Para se ter idéia da influência do jongo sobre o samba, em Angola a umbigada típica da dança era chamada semba. Em 35 anos de existência, foi a primeira vez que o grupo Jongo da Serrinha fez uma temporada em teatro. Ao todo são 50 pessoas, entre crianças a partir de quatro anos e idosos de até 83. No repertório, pontos de jongo gravados no CD-livro do grupo Jongo da Serrinha.

TEATRO Carlos Gomes. Praça Tiradentes s/nº, Centro, tel.: 2232-8701. Às 19h30. R\$ 5.

DIVULGAÇÃO

Não deixe o jongo morrer

Considerado o pai do samba, ritmo dos escravos é pela primeira vez gravado em CD

ELAINE DUJIM

Os tambores vão fazer estremecer, amanhã e terça-feira, a platéia do Teatro Carlos Gomes, no Centro do Rio. Às 19h, um grupo pra lá de animado de crianças, jovens e idosos do Morro da Serrinha, em Madureira, vai tocar, cantar e dançar o jongo, no show de lançamento do primeiro CD já gravado com músicas do ritmo africano que é considerado o pai do samba.

O disco sai acompanhado do livro "Jongo da Serrinha", que conta em textos e fotos a história do ritmo e de um certo grupo de moradores de Madureira. Liderados pelo mestre Darcy Monteiro (um dos fundadores da Império Serrano, falecido no ano passado), desde a década de 60 esses moradores vêm



Tia Maria do Jongo: aos 82 anos, é a matriarca do grupo

se revezando em gerações para manter viva a tradição trazida ao Brasil pelos escravos de origem bantú, da região do Congo e da Angola.

No Rio de Janeiro, o jongo, ou caxambu, se espalhou pelo Vale do Paraíba, onde existiam as grandes lavouras do

de um dialeto próprio, as letras faziam críticas e piadas dos fazendeiros.

Atualmente, poucos grupos de descendentes de escravos mantêm vivo o jongo no estado, a quase totalidade deles nos municípios do Sul Fluminense. Na cidade do Rio, o Jongo da Serrinha é o único representante desta tradição. Ano passado, o grupo abriu a Escola de Jongo, que ensina a dança a 120 crianças, sob a supervisão atenta de Tia Maria do Jongo, que, aos 82 anos, é a principal cantora do grupo.

No show de amanhã, os jongueiros vão comemorar também o centenário de Vovó Maria Joana Reza-deira. Mãe de Mestre Darcy, ela foi a responsável por trazer para Madureira o ritmo que lhe foi ensinado pelos antepassados vindos da África.

VIDA NOVA: Ritmo desperta atenção e leva estrangeiros e universitários à comunidade em Madureira

Grupo de jongo vira uma ONG

Fábio Seixo



• Da casa da tia Maria do Jongo para a antiga escola da comunidade. Os 20 integrantes do Grupo Cultural Jongo da Serrinha sonham com o dia em que poderão perpetuar a cultura do jongo no espaço prometido pela Prefeitura. Enquanto isso, o grupo comemora o sucesso que vem fazendo em apresentações pelo Brasil e em outros países.

— O número de estrangeiros e universitários interessados demonstrou a necessidade urgente de se ampliar a divulgação da dança e isso desenvolveu o potencial turístico do jongo — diz o pesquisador e fundador da ONG, Marcos André.

A criação da ONG Grupo Cultural Jongo da Serrinha e a construção do centro cultural permitirão que as crianças conheçam a tradição da comunidade, além de contribuir para transformar de vez a Serrinha em referência para turistas e pesquisadores.

— Antes, só os adultos podiam participar. Hoje é muito bom ver essas crianças aprendendo a preservar a tradição de uma cultura que está morrendo — conta tia Maria, a matriarca do jongo.

Além da jongueira, que cede o espaço da sua casa para o grupo cantar e dançar com as

crianças e os visitantes, a organização não governamental conta com as ajudas valiosíssimas de Darcy Filho, filho do Darcy do Jongo, e de moradores que cresceram aprendendo músicas e histórias do gênero.

crianças se envolvam na criminalidade, nós preservamos uma tradição. ■

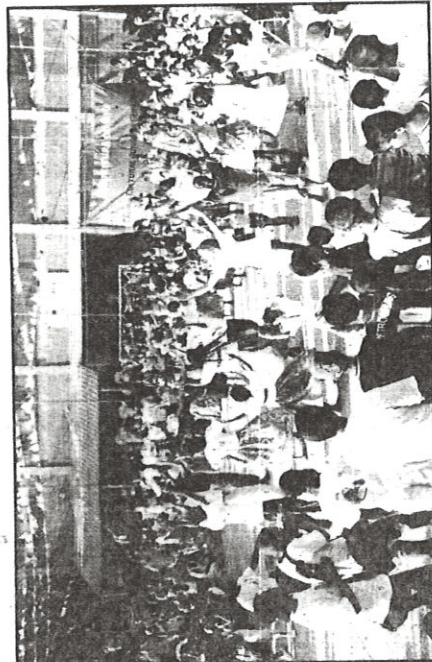
• A SERRINHA É UM UNIVERSO CULTURAL RICO E COMPLEXO

na página 18

O GRUPO CULTURAL Jongo da Serrinha se transformou em ONG e já ensinou a 15 crianças a tradição ainda preservada na comunidade

— Além de evitar que as

Célula Cultural revitaliza Jongo da Serrinha



missão de revitalizar o ritmo que é um dos pais do samba. A nova célula da Secretaria Municipal das Culturas já conta com a participação de 350 crianças e promove oficinas de arte.

O núcleo funciona no Centro Cultural do Jongo, construído pelo Programa Favela-Bairro. Tia Maria ficou com a responsabilidade de passar o ritmo e a dança ancestral para as novas gerações. Tradicionalmente, o ritmo trazido da África era dançado pelos mais velhos. "Mestre Darcy fundou o grupo há 35 anos, para ensinar o jongo às crianças. O Darcy Filho



Eduardo Fochta

continua o trabalho dele", contou. Os meninos jongueiros de Madureira estão mais empolgados do que nunca. Com o apoio da Prefeitura, eles gravaram um CD recentemente e estão em temporada até agosto no Teatro Carlos Gomes. São 50 membros da comunidade em cena, mostrando ao grande público a magia do jongo.

Espanhol é preferência de 60 mil na Rede Municipal



Eliane Carvalho

Mais de 60 mil alunos, da 5ª à 8ª série, da Rede Municipal de Ensino estudam espanhol. Três anos e meio depois de incluído no currículo, o idioma é ensinado em mais de 70% das escolas do Município por 251 professores, que fazem cursos de atualização durante o ano.

Aluno da Escola Municipal Ministro Edgar Romero, em Madureira, Samir Tavares, de 13 anos, 7ª série, não tem dúvida: "O espanhol é importante para o meu futuro". Carolinne Lopes da Silva, 13 anos, 7ª série, lembrou a semelhança do espanhol com o português. "É bem parecido e é bem legal", comentou.

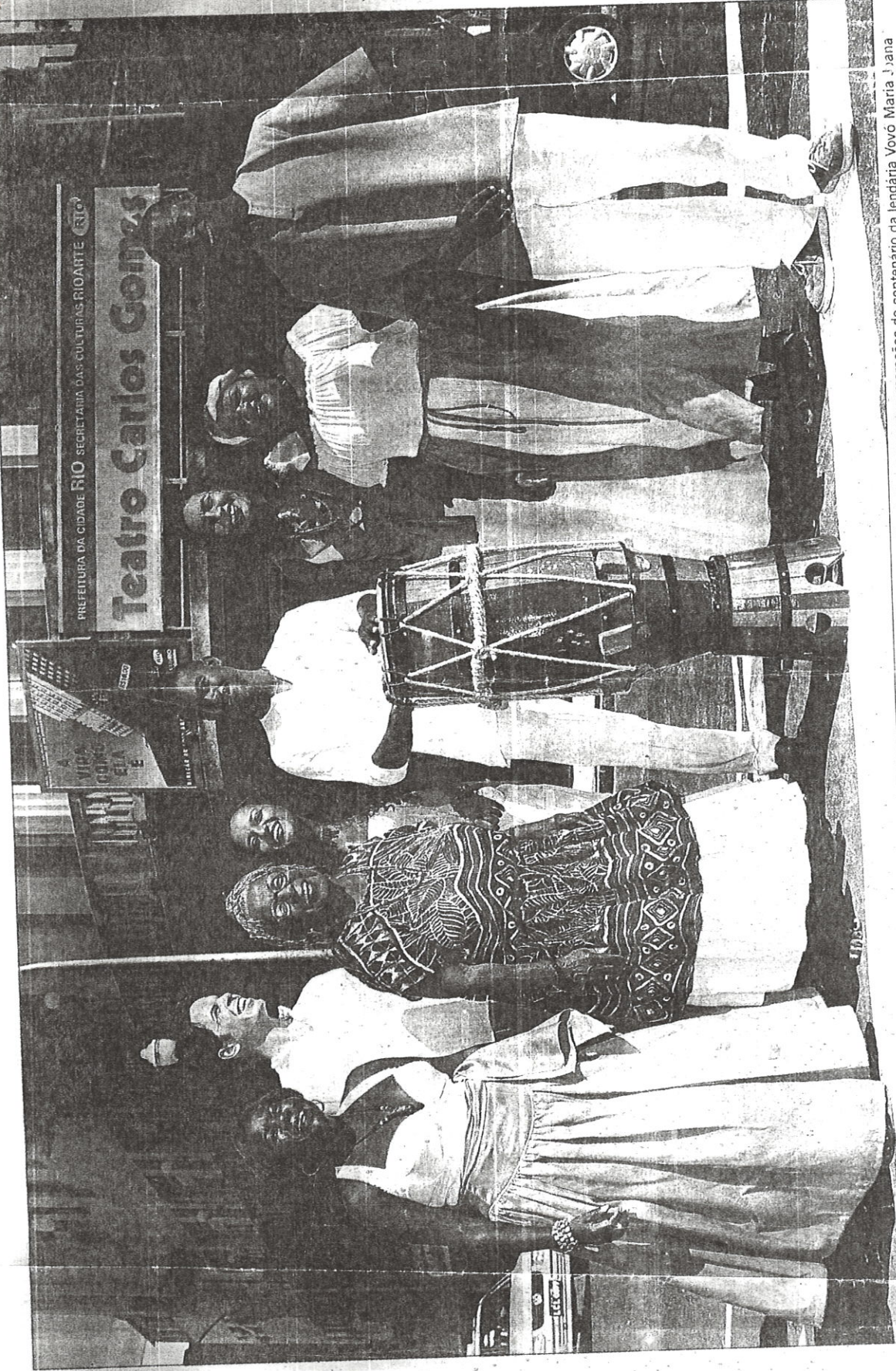
A raiz do samba

ram morar nos morros cariocas. Alguas dessas comunidades mantiveram os seus costumes, como dançar o jongo.

O jongo é uma dança de roda e de umbigada. Com pés descalços, caisais se revezam no centro do círculo, sempre girando em sentido anti-ho-

rário. A umbigada, no idioma quimbundo, chama-se *semba*, matriz da expressão samba. Na Serrinha, que ainda hoje mantém ares de roça e é o maior reduto de jongo do país, ele é dançado com o passo *tabiá*, ou seja, uma pisada forte com o pé direito.

Originário da região do Congo-Angola, na África, o jongo chegou ao Brasil com os negros da nação banto que vieram trabalhar como escravos nas fazendas do Vale do Rio Paraíba. Com o fim da escravidão, muitos deles migraram para o Rio, então capital do país, e fo-



GRUPO DE JONGUEIROS da Serrinha, em frente ao Teatro Carlos Gomes, no Centro: lançamento de livro e CD sobre a história do jongo nas comemorações do centenário da lendária Vovó Maria J. Jaha

Renovada tradição iongueira

SEGUNDO CADERNO

Dança: Evento
leva bailarinos
para as ruas
da cidade • 8

DVD: 'Roger
Rabbit' perde
extras na edição
nacional • 3

SEGUNDA-FEIRA, 23 DE JUNHO DE 2003

FOTOS DE ANA BRANCO

A vitoriosa umbigada da Serrinha

O jongo,
símbolo de
transformação
social em
Madureira,
ganha dois
meses de
shows no
Teatro
Carlos
Gomes

